

AS DUALIDADES PROGRAMÁTICAS NO PRÓLOGO DE DANIEL (DN 1:1-2): ESTRUTURA NARRATIVA E MATRIZ TEOLÓGICA DO LIVRO

JOÃO LUIZ MARCON¹
LUIZ FRANCISCO FERREIRA JUNIOR²

80

Resumo: O prólogo do livro de Daniel (Dn 1:1-2) constitui uma unidade narrativa teologicamente densa, cuja brevidade contrasta com sua função programática no desenvolvimento do livro. Embora seus principais temas sejam retomados ao longo de Daniel, permanece a questão de como a própria configuração literária desses versículos contribui para introduzir e desenvolver os tópicos. O texto condensa temas teológicos posteriormente desenvolvidos no livro, como a soberania divina, a relação entre o Deus de Israel e o poder imperial e o deslocamento de Judá para Babilônia, ao mesmo tempo que estabelece as condições narrativas para tensões que se tornam explícitas no desenvolvimento subsequente, como a relação entre fidelidade e assimilação. Este artigo analisa os contrastes presentes em Daniel 1:1-2 e sua organização em dualidades programáticas no desenvolvimento literário do livro. Para isso, adota-se uma abordagem literário-narrativa, sincrônica e canônica do texto em sua forma final. A pesquisa, de caráter bibliográfico, dialoga analiticamente com estudos sobre Daniel, análise narrativa e literatura apocalíptica, empregando categorias narratológicas de maneira instrumental e subordinada aos indicadores do próprio texto. A análise parte dos elementos lexicais, sintáticos, espaciais e históricos da perícope e examina, em seguida, seu desenvolvimento literário e teológico no restante do livro e suas relações canônicas

¹ Mestre em Teologia Bíblica pela Faculdades EST. Mestre em Teologia Pastoral pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Doutorando em Teologia Sistemática pela Universidad Adventista del Plata. Diretor e Professor do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia – Faculdade Adventista do Paraná. E-mail: joao.marcon@adventistas.org. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3333-7297>.

² Mestrando em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Pastor Distrital na Associação Central Paranaense. E-mail: luiz.junior@adventistas.org. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-8652-4285>.

pertinentes. O estudo demonstra que a estrutura dual dos contrastes introduzidos no prólogo articula a derrota histórica de Jerusalém com a afirmação da soberania de Deus e fornece categorias programáticas posteriormente desenvolvidas em Daniel. Desse modo, Daniel 1:1-2 funciona como uma síntese programática de temas relacionados ao exílio, à aliança, à soberania divina e à expectativa de restauração.

Palavras-chave: Daniel. Dualidades. Análise narrativa. Abordagem canônica. Soberania divina. Aliança.

THE PROGRAMMATIC DUALITIES IN DANIEL'S PROLOGUE (DAN 1:1-2): NARRATIVE STRUCTURE AND THEOLOGICAL FRAMEWORK OF THE BOOK

Abstract: The prologue of the book of Daniel (Dan 1:1-2) constitutes a theologically dense narrative unit whose brevity contrasts with its programmatic function within the development of the book. Although its principal themes recur throughout Daniel, the question remains as to how the literary configuration of these verses itself contributes to introducing and articulating those themes. The text condenses theological motifs that are developed later in the book, including divine sovereignty, the relationship between the God of Israel and imperial power, and the displacement of Judah to Babylon, while simultaneously establishing the narrative conditions for tensions that become explicit in the subsequent development of the narrative, such as the relationship between faithfulness and assimilation. This article examines the contrasts present in Dan 1:1-2 and their organization into programmatic dualities as they unfold throughout the literary development of the book. To this end, it adopts a literary-narrative, synchronic, and canonical approach to the final form of the text. Based on bibliographical research, the study engages critically with scholarship on Daniel, narrative analysis, and apocalyptic literature, using narratological categories instrumentally and in subordination to the textual indicators of the passage itself. The analysis begins with the lexical, syntactic, spatial, and historical features of the pericope and then examines their literary and theological development throughout the remainder of the book, as well as their relevant canonical relationships. The study argues that the dual structure of the contrasts introduced in the prologue integrates Jerusalem's historical defeat with the affirmation of divine sovereignty and provides programmatic categories that are subsequently developed throughout Daniel. Thus, Dan 1:1-2 functions as a programmatic synthesis of themes related to exile, covenant, divine sovereignty, and the expectation of restoration.

Keywords: Daniel. Dualities. Narrative analysis. Canonical approach. Divine sovereignty. Covenant.

1. Introdução

O prólogo do livro de Daniel (Dn 1:1-2) constitui uma unidade literária teologicamente densa, frequentemente considerada na literatura especializada um eixo organizador de temas importantes do livro.³ Embora composto por apenas dois versículos, o texto apresenta, de

³ Ver, por exemplo, Collins (1993, p. 24); Kirkpatrick (2005, p. 41-46; esp. p. 47); LaCocque (1979, p. 84).

forma sintética, temas que são desenvolvidos ao longo do livro: a soberania divina, a relação entre o Deus de Israel e o poder imperial e o deslocamento de Judá para Babilônia. Ao estabelecer o cenário histórico, espacial e teológico da narrativa, o prólogo também introduz condições que serão desenvolvidas posteriormente no livro, entre elas a tensão entre fidelidade e assimilação no contexto do exílio.⁴

A presente pesquisa investiga em que medida Daniel 1:1-2 pode ser compreendido como uma unidade definida por dualidades opostas que moldam a teologia do livro.⁵ Parte-se da hipótese de que tais dualidades não operam apenas como contrastes descritivos, mas como estruturas que organizam a representação do conflito entre a soberania divina e o poder

⁴ Não há consenso quanto à extensão do prólogo de Daniel. Alguns intérpretes atribuem essa função a todo o primeiro capítulo. Gentry e Wellum (2018, p. 602), por exemplo, identificam Daniel 1:1-21 como o prólogo que estabelece o contexto do exílio, enquanto Steinmann (2008, p. 23) compreende 1:1-21 como uma introdução hebraica que antecede a estrutura quiástica aramaica central do livro. Steinmann observa ainda que essa introdução antecipa temas posteriormente desenvolvidos, entre eles os utensílios do templo (1:2), a sabedoria de Daniel (1:4) e seus companheiros (1:6), conferindo ao capítulo uma evidente função programática. Cook (2026, p. 43-44), por sua vez, emprega uma delimitação intermediária, identificando 1:1-7 como o prólogo que abre o primeiro capítulo, no qual são apresentados os personagens, a situação que enfrentam e um dos temas teológicos centrais do livro: o confronto entre dois poderes, representados inicialmente por dois reis e duas culturas, tendo ao fundo o conflito transcendente entre o Deus de Israel e as divindades babilônicas. Reconhecendo essas diferentes propostas, o presente estudo emprega o termo “prólogo” em sentido mais restrito e funcional, delimitando-o a Daniel 1:1-2. Há razões literárias e teológicas para essa opção. Hill (2008, p. 45) identifica 1:1-2 como uma unidade literária distinta, responsável por estabelecer o cenário da narrativa e introduzir seu tema teológico central. A organização apresentada por Tanner (2020, p. 125) igualmente distingue 1:1-2 das unidades narrativas subsequentes: 1:3-7 descreve a tentativa de assimilação dos jovens; 1:8-16, sua resposta de fidelidade; e 1:17-21, sua consequente elevação. Desse modo, 1:1-2 desempenha uma função distinta de 1:3-21: em vez de narrar a resposta dos personagens às circunstâncias do exílio, estabelece previamente as coordenadas temporais e espaciais, o conflito fundamental e, sobretudo, a perspectiva teológica a partir da qual os acontecimentos devem ser interpretados. Essa função programática torna-se especialmente evidente no emprego de *נתן* (*ntn*, “dar”, “entregar”) em 1:2. Embora Nabucodonosor apareça como agente histórico da conquista, é o Senhor quem “entrega” Jeoaquim em suas mãos. A mesma ação divina reaparece em 1:9, quando Deus concede favor a Daniel, e em 1:17, quando concede conhecimento e habilidade aos quatro jovens (Seow, 2003, p. 20). Widder (2023, p. 74) chama igualmente a atenção para essa repetição tríplice de “Deus deu”: primeiro, no âmbito dos grandes acontecimentos internacionais, com a entrega do rei e depois no âmbito das circunstâncias particulares dos jovens, com a concessão de favor e conhecimento. Assim, a afirmação de 1:2 estabelece um princípio teológico: a soberania divina sobre a história, que 1:3-21 passa a demonstrar narrativamente. A delimitação adotada neste artigo, portanto, não pretende negar a possibilidade de compreender 1:1-7 ou mesmo 1:1-21 como prólogo ou introdução em sentido mais amplo. A divergência na literatura diz respeito sobretudo à extensão formal atribuída a essa função introdutória. Em sentido estrito, contudo, 1:1-2 pode ser distinguido do desenvolvimento narrativo subsequente por desempenhar três funções próprias de uma abertura: estabelecer o cenário histórico, introduzir o conflito fundamental e enunciar o princípio teológico que orientará a leitura do restante do capítulo e, em perspectiva mais ampla, do livro. É nesse sentido literário e funcional que o presente estudo emprega a designação “prólogo” para Dn 1:1-2.

⁵ Báez dedica uma parte substancial de sua tese a Daniel 1:1-2. Para ele, esses versículos não constituem mera informação histórica: constituem uma abertura carregada de intertextualidade com Gênesis 10-11. A leitura de Báez reforça essa oposição espacial e teológica ao identificar em Daniel 1:1-2 a primeira alusão de Daniel à narrativa de Babel. A combinação entre “Babilônia” e “terra de Sinar” remete a Gênesis 10:10; 11:2, 9, de modo que Sinar não funciona apenas como designação geográfica, mas como evocação literária e teológica de Babel. Nessa perspectiva, Jerusalém e Babilônia representam realidades religiosas contrapostas: Jerusalém está associada a YHWH e ao Seu templo, enquanto Sinar/Babilônia remete ao espaço cultural de Babel e ao templo do deus babilônico. A transferência dos utensílios do templo de Jerusalém para Sinar, portanto, expressa mais do que um deslocamento geográfico, configurando simbolicamente uma aparente substituição de Jerusalém por Babilônia e do culto a YHWH pelo culto babilônico. Essa tensão, contudo, é imediatamente relativizada pela afirmação de que foi o próprio Senhor quem “entregou” Jeoaquim, de modo que Daniel 1:1-2 estabelece simultaneamente o conflito entre YHWH/Jerusalém e Marduk/Babilônia e a soberania divina sobre esse conflito. Cf. Báez (2013, p. 37-64, esp. p. 55-64).

imperial. O termo “contraste” designa aqui as relações textualmente observáveis entre elementos distintos ou opostos, enquanto “dualidade” denomina a organização analítica desses contrastes em polos correlacionados. Algumas dessas dualidades são diretamente expressas em Daniel 1:1-2; outras são introduzidas pelas circunstâncias narrativas do prólogo e recebem desenvolvimento explícito no contexto subsequente do livro. Os objetivos, portanto, são: (1) identificar os indicadores textuais, lexicais, sintáticos, espaciais e temáticos que sustentam a identificação desses contrastes; (2) analisar sua função literária e teológica no prólogo; e (3) examinar sua recorrência e desenvolvimento ao longo do livro. A identificação das dualidades, portanto, parte dos indicadores verificáveis da própria perícope e é posteriormente examinada à luz de sua recorrência e desenvolvimento no contexto mais amplo de Daniel.

Metodologicamente, o estudo adota uma abordagem literário-narrativa, sincrônica⁶ e canônica, analisando o texto em sua forma final. A análise parte dos dados lexicais, sintáticos, históricos, espaciais e temáticos de Daniel 1:1-2 e emprega categorias da análise narrativa de maneira instrumental para descrever como esses elementos se articulam na configuração literária da perícope. As dualidades são delimitadas a partir de critérios textuais específicos: oposição textual, contraste espacial e recorrência ou desenvolvimento temático verificável no contexto do livro. O estudo dialoga ainda, de maneira crítica e delimitada, com pesquisas sobre literatura apocalíptica e outras abordagens literárias, sem pressupor adesão integral aos respectivos quadros hermenêuticos. Não se pretende aqui reconstruir hipotéticos estágios pré-canônicos de composição, mas analisar a função literária e teológica do texto em sua forma canônica recebida, preservando sua referência aos acontecimentos históricos narrados. Argumenta-se que Daniel 1:1-2 exerce função programática ao introduzir contrastes e temas teológicos que são retomados e ampliados ao longo do livro.

2. Visão Geral do Prólogo

O primeiro capítulo de Daniel (Dn 1:1-21) funciona como uma introdução narrativa que estabelece o cenário, os personagens e os temas centrais do livro (Kirkpatrick, 2005, p. 41). House (2009, p. 459) destaca a função introdutória do capítulo ao mostrar como sua disposição prepara o desenvolvimento do conflito entre o poder imperial babilônico e a ação divina, ao mesmo tempo que apresenta Daniel e seus companheiros e contribui para a coesão do relato. De outra perspectiva, Collins (1993, p. 28) também reconhece a função literária integradora da abertura de Daniel, especialmente na articulação de elementos que reaparecem posteriormente no livro. O próprio Collins (1993, p. 245) chama a atenção para a recorrência de elementos introduzidos no capítulo, como os utensílios do templo (Dn 1:2), posteriormente profanados

⁶ Gary Schnittjer define o modelo sincrônico (do grego *syn*, “junto”, e *chronos*, “tempo”) como uma abordagem que privilegia a análise da forma final do texto, distinguindo-a das leituras orientadas prioritariamente pela recepção. O autor diferencia dois tipos de objetivos dentro desse modelo: os *readerly aims* (“objetivos do leitor”), que utilizam o texto para comparações experimentais, aplicações contemporâneas ou reconstruções centradas na recepção, e os *textual aims* (“objetivos textuais”), voltados à investigação da configuração literária e do significado da forma final do texto em seu próprio contexto. Embora reconheça a importância da história da recepção e da dimensão diacrônica, Schnittjer atribui prioridade metodológica aos *textual aims*, tomando-os como ponto de partida para a análise exegética e para o exame das relações entre textos bíblicos. É nesse sentido específico que o presente estudo emprega a designação “sincrônica”: a investigação concentra-se na forma final de Daniel 1:1-2, buscando identificar, a partir de seus próprios indicadores lexicais, sintáticos, espaciais e literários, os contrastes que estruturam a perícope, antes de examinar o desenvolvimento desses contrastes no contexto mais amplo do livro de Daniel. A leitura canônica realizada posteriormente não substitui essa análise inicial, mas parte dela e a amplia. Para uma exposição detalhada dessa integração entre perspectivas sincrônicas e diacrônicas, ver Schnittjer (2021, p. xxxv-xxxvi).

por Belsazar em Daniel 5. Essas observações convergem quanto à função literária da abertura, ainda que provenham de referenciais hermenêuticos distintos. Para o presente estudo, sua relevância reside especificamente na constatação de que elementos introduzidos no início de Daniel são retomados no desenvolvimento posterior da obra, constatação que fundamenta a investigação de sua possível função programática.

A organização temporal do prólogo delimita a experiência de Daniel no exílio por meio de um enquadramento cronológico que funciona como *inclusio* (DiTommaso, 2005, p. 57). A narrativa se inicia no “terceiro ano do reinado de Jeoaquim” (Dn 1:1) e se encerra com a indicação de que Daniel permaneceu “até o primeiro ano do rei Ciro” (Dn 1:21), situando a experiência narrada entre o início da dominação babilônica e sua posterior superação (Walvoord; Dyer, 2011, p. 15). Ao tratarem da relação entre o domínio imperial e a perspectiva teológica do livro, Willis (2010, p. 195) e Davies (1985, p. 43), embora partindo de referenciais distintos, chamam a atenção para o fato de que a ação babilônica não constitui a explicação última dos acontecimentos narrados. Em Daniel 1:2, essa perspectiva é explicitada pela atribuição ao Senhor da “entrega” de Jeoaquim. No horizonte canônico, essa apresentação do exílio pode ser lida em continuidade com a tradição pactual que relaciona a perda da terra ao juízo decorrente da infidelidade de Israel (House, 2009, p. 527). A “entrega” de Jeoaquim (Dn 1:2) insere-se nas maldições da aliança previstas na Lei de Moisés (Dt 28-32), o que desloca a compreensão da queda de Jerusalém de um evento meramente político para um acontecimento inscrito na lógica da intenção divina. Ao mesmo tempo, o livro de Daniel desenvolve uma perspectiva ampliada da história, na qual os eventos humanos são apresentados em relação a um plano divino mais abrangente (DiTommaso, 2005, p. 59). De modo convergente quanto a esse ponto, Kirkpatrick (2005, p. 48) chama a atenção para a atribuição teológica da perda da independência judaica em Daniel 1:2; contudo, a progressão do livro amplia essa perspectiva para além de uma explicação exclusivamente retributiva.

Dessa forma, o prólogo estabelece o enquadramento teológico no qual o exílio é situado e introduz questões que serão retomadas no desenvolvimento posterior do livro. A referência à profecia de Jeremias (Dn 9:2) e à oração de Daniel (Dn 9) indica que a experiência exílica é incorporada a uma dinâmica mais ampla, na qual juízo e expectativa de restauração se articulam no desenvolvimento do livro (Collins, 1993, p. 347). Fewell (1991, p. 14), a partir de uma abordagem literária própria, também chama a atenção para a tensão entre poder imperial e agência divina. No presente estudo, essa observação é retomada apenas na medida em que corresponde à relação explicitamente estabelecida em Daniel 1:1-2 entre a ação de Nabucodonosor e a afirmação de que “o SENHOR entregou” Jeoaquim. A análise das dualidades proposta adiante partirá dessa e de outras relações textualmente verificáveis, e não dos pressupostos metodológicos mais amplos das abordagens secundárias utilizadas.

3. A Função Literária do Prólogo na Narrativa de Daniel⁷

⁷ A designação “texto narrativo” é empregada aqui como descrição da configuração literária observável do texto, e não como uma categoria que dependa de autodesignação terminológica explícita por parte do texto bíblico. A análise literária, nesse sentido, não constitui alternativa ao método histórico-gramatical, mas pode operar de maneira complementar a ele, examinando as escolhas formais pelas quais o autor comunica o sentido, assim como a análise linguística examina suas escolhas lexicais e sintáticas. Tully (2017, p. 170-171) observa que os textos bíblicos não se reduzem a afirmações proposicionais e que a forma escolhida para narrar acontecimentos ou formular um oráculo contribui para o propósito comunicativo do texto; na narrativa, isso inclui elementos como caracterização, enredo e organização do tempo. De modo semelhante, Yeo (2009) admite a integração do método histórico-gramatical com procedimentos literários, entre eles a identificação de gênero, enquanto Römer (2016, p. 646) reconhece a narratologia entre os desenvolvimentos que ampliaram os recursos da exegese para compreender o

A análise dos prólogos na literatura acadêmica tem recorrido a diferentes abordagens para descrever sua função na organização de uma obra. Entre os recursos empregados pela análise literária está a observação da estrutura, da organização temporal, do desenvolvimento do enredo e da apresentação dos personagens. Tais elementos podem ser examinados como escolhas formais pelas quais o texto comunica seu conteúdo. Ao tratar da função das aberturas narrativas, Turner (2007, p. 13-18) demonstra que elas frequentemente anunciam o desenvolvimento do enredo e orientam a leitura da narrativa, enquanto Silva (2024, p. 708) chama a atenção para seu caráter estético e comunicativo e para sua capacidade de estabelecer o tom, o estilo e a perspectiva da obra.⁸ Nesta pesquisa, tal contribuição é utilizada especificamente para descrever a função literária da abertura, sem assumir que o sentido seja produzido por uma negociação entre texto e leitor. Carvalho et al. (2021, p. 12), a partir da análise do discurso,⁹ destacam aspectos linguísticos e comunicativos do prólogo, incluindo escolhas vocabulares e estratégias discursivas. Embora essa abordagem contemple também categorias como construção de sentidos, ideologia e subjetividade, este estudo não incorpora esses pressupostos como critérios interpretativos. Sua contribuição é utilizada de maneira delimitada, apenas no que se refere às escolhas linguísticas e à função comunicativa da abertura textual.

Entre as funções literárias atribuídas ao prólogo estão a antecipação de temas e a orientação inicial do desenvolvimento do enredo. A discussão de Genette, apresentada por Reales e Confortin (2011, p. 40-45), permite descrevê-lo como um dispositivo liminar que

funcionamento do texto. No caso de Daniel, a classificação possui fundamento em características formais verificáveis: os capítulos iniciais apresentam acontecimentos mediante uma sequência temporal, ações, personagens, cenários, conflitos e desenvolvimento do enredo, predominantemente narrados em terceira pessoa, distinguindo-se formalmente das visões relatadas em primeira pessoa nas seções posteriores (Hill, 2002, p. 102-103). Por isso, essa primeira seção tem sido descrita, em termos literários, como narrativa histórico-cortesã em terceira pessoa (Barreda Toscano; Santiago F., 2022, p. 1045). As interpretações de sua função no contexto do exílio e da diáspora, como a representação da fidelidade judaica sob domínio estrangeiro, constituem um passo exegético posterior à identificação dessa forma literária (Duguid, 2019, p. 11; Sotelo, 2015, p. 131-132). Assim, “narrativo” designa, neste estudo, características formais reconhecíveis no texto de Daniel, e a análise dessas características permanece subordinada aos dados linguísticos, históricos e contextuais da perícope.

⁸ Laurence A. Turner observa que as aberturas narrativas da Bíblia Hebraica frequentemente desempenham uma função programática ao introduzir elementos que orientam a leitura do desenvolvimento posterior da narrativa. Em sua análise de Gênesis, ele demonstra que essas unidades iniciais anunciam o enredo (*plot*), apresentam temas centrais, estabelecem expectativas para o leitor e fornecem as categorias pelas quais os acontecimentos subsequentes devem ser interpretados. Embora seu estudo se concentre em Gênesis, o princípio narrativo identificado possui alcance metodológico mais amplo e oferece um paralelo útil para a leitura de Daniel 1:1-2 como uma unidade introdutória que estabelece o cenário, o conflito fundamental e a perspectiva teológica desenvolvidos ao longo do livro de Daniel. Cf. Turner (2007, p. 13-18).

⁹ A análise do discurso é um processo investigativo que examina a forma e a função de todas as partes e níveis de um texto escrito, a fim de compreender tanto os componentes isolados quanto a totalidade do discurso (Black; Dockery, 2001, p. 255). Dentro da exegese bíblica, essa metodologia reorienta o foco exegético das palavras e passagens individuais para discursos completos, elevando o texto a um lugar de investigação rigorosa e sistemática (Black; Dockery, 2001, p. 256). Sem a compreensão adequada de um discurso em sua totalidade, não se pode avaliar adequadamente uma unidade particular dentro dele (Black; Dockery, 2001, p. 255). A análise do discurso examina as formas e funções da linguagem utilizada na comunicação, focalizando as estruturas lexicais, sintagmáticas e paradigmáticas e suas relações no nível do discurso (Lama, 2013, p. 45). Enquanto se concentra no texto e em seu contexto imediato, também considera a situação pragmática (histórica ou cultural) que motivou o texto (Lama, 2013, p. 45). As palavras se combinam para formar frases, as frases se unem em parágrafos, e os parágrafos convergem para constituir o discurso como um todo (Osborne, 2009, p. 188). A maioria dos analistas fundamenta-se em uma abordagem funcional da linguística, mas também incorpora perspectivas de áreas como psicologia, literatura, retórica e poética, tornando a análise do discurso uma ferramenta exegética abrangente e versátil (Runge, 2016).

estabelece expectativas acerca do desenvolvimento da obra. No caso de Daniel, 1:1-2 situa os acontecimentos no tempo e no espaço e introduz elementos que são retomados ou desenvolvidos mais adiante no livro, como personagens, lugares, ações e a atribuição ao Senhor da entrega de Jeoaquim.

A disposição do prólogo de Daniel aproxima-se de padrões observáveis em outras narrativas bíblicas, nas quais a abertura desempenha função de mediação entre evento histórico e reflexão teológica (DiTomasso, 2005, p. 40). Carvalho et al. (2021, p. 9) descrevem, no contexto de sua abordagem, o discurso narrativo em termos de reelaboração interpretativa e produção de sentidos na interação entre texto e intérprete. Contudo, em Daniel 1:1-2, a interpretação teológica da queda de Jerusalém não é atribuída à atividade produtiva do leitor, mas à própria formulação textual: após narrar a ação de Nabucodonosor (v. 1), o texto afirma que “o SENHOR entregou” Jeoaquim em sua mão (v. 2). A configuração narrativa, portanto, apresenta o acontecimento histórico a partir de uma perspectiva teológica explicitada pelo próprio texto. Ao mesmo tempo, o prólogo contribui para a coesão do livro ao introduzir temas e imagens que reaparecem ao longo da narrativa, como a tensão entre poder imperial e ação divina.

Do ponto de vista literário, Daniel 1:1-2 pode ser caracterizado como uma unidade sintética que condensa elementos fundamentais da abertura narrativa do texto. Conforme observa Silva (2024, p. 702), a estrutura literária de um livro bíblico desempenha papel relevante na maneira pela qual seu conteúdo teológico é comunicado. Portanto, o prólogo de Daniel apresenta, de forma concentrada, tanto o acontecimento histórico da submissão de Jerusalém ao poder babilônico quanto sua interpretação teológica explícita mediante a atribuição ao Senhor da “entrega” de Jeoaquim. Essa relação entre acontecimento, configuração literária e afirmação teológica fornece um dos pontos de partida para a análise dos contrastes textuais realizada nas seções seguintes.

4. A Literatura Apocalíptica e sua Linguagem

É necessário esclarecer alguns aspectos importantes da literatura apocalíptica e de sua linguagem, os quais serão abordados a seguir.

4.1. A Linguagem Apocalíptica

A designação “apocalíptica” deriva do termo grego *apokalypsis*, “revelação” ou “desvelamento”. Como categoria literária, sua identificação deve considerar conjuntamente aspectos formais, temáticos e funcionais reconhecíveis no próprio texto. Williamson (2015, p. 371) destaca precisamente esses elementos ao caracterizar a apocalíptica como literatura revelatória marcada por recursos específicos de forma e conteúdo. Lopes (2019), por sua vez, enfatiza sua frequente associação a contextos de crise, nos quais o sofrimento histórico é interpretado a partir de uma perspectiva teológica. Essas duas ênfases não precisam ser tomadas como excludentes: a situação histórica pode integrar o contexto comunicativo da obra, sem constituir, por si só, a origem ou o critério de verdade da revelação que ela reivindica comunicar.

Quanto à forma, McKnight e Osborne (2004, p. 475) destacam, entre os elementos recorrentes da literatura apocalíptica, visões, epifanias, mediação sobrenatural, receptor humano e acesso a realidades que transcendem a experiência ordinária. Assis (2024), a partir de uma perspectiva voltada à dimensão estética, chama a atenção para o emprego intensivo de

imagens e construções simbólicas. Sua contribuição é relevante para a descrição da forma literária, desde que o simbolismo não seja entendido como criação de uma realidade meramente intratextual. Como observa Stam (2022, p. 1660), o caráter predominantemente visual da apocalíptica e sua profusão de símbolos e visões integram os meios literários pelos quais a revelação é comunicada. No plano temático, a apocalíptica relaciona a realidade histórica a uma dimensão transcendente e escatológica. McKnight e Osborne (2004, p. 475-476) distinguem, nesse sentido, eixos temporais e espaciais que abrangem história, julgamento, salvação escatológica e realidades sobrenaturais. Lopes (2019, p. 211) destaca ainda a função revelatória da linguagem apocalíptica, que pode simultaneamente desvelar e velar determinados aspectos da mensagem, enquanto Assis (2024, p. 30) observa que o recurso simbólico pode expressar tensões históricas e políticas em linguagem figurativa. Tais observações ajudam a descrever o funcionamento literário do simbolismo, mas não implicam que seu referente se reduza às circunstâncias sociopolíticas que o texto representa.

Esse ponto é particularmente relevante para Daniel. Na perspectiva historicista apresentada por Vetne (2003, p. 8), o caráter simbólico e visionário da apocalíptica não elimina sua referencialidade: a revelação pretende comunicar realidades que possuem dimensão histórica, temporal e transcendente. Assim, a linguagem apocalíptica não cria uma realidade alternativa à história, mas apresenta acontecimentos e processos históricos em relação à soberania divina e à consumação escatológica. O aspecto funcional mencionado por McKnight e Osborne (2004, p. 476), que consiste na exortação e na consolação de comunidades em situações de crise, pode, portanto, ser reconhecido sem reduzir a verdade da mensagem à função comunitária que ela desempenha. Tais critérios formais também permitem delimitar com maior precisão a relação entre Daniel 1:1-2 e a apocalíptica do livro. O prólogo não apresenta visão, mediador sobrenatural, interpretação angelical ou experiência visionária; sua forma é narrativa, com referência cronológica, personagens, ações e deslocamento geográfico. Sua relação com a apocalíptica de Daniel não decorre, portanto, de uma identidade de gênero, mas de sua função programática: temas e contrastes introduzidos narrativamente em Daniel 1:1-2 são retomados e ampliados posteriormente nas seções visionárias, nas quais assumem configuração propriamente apocalíptica.

4.2. A Linguagem de Contraste nas Literaturas Apocalípticas

A literatura apocalíptica frequentemente emprega estruturas de contraste e oposição como recursos de organização de sua mensagem. Tais estruturas podem colocar em relação agentes, espaços, poderes, valores, temporalidades e destinos contrapostos, contribuindo para a articulação literária e teológica do texto. De Villiers (2016) discute o dualismo como característica recorrente da literatura apocalíptica, destacando sua função na organização da experiência histórica e na delimitação de posições e valores em tensão. A categoria de dualidade é empregada aqui de maneira descritiva, e sua identificação depende da existência de contrastes demonstráveis no próprio texto, não da aplicação prévia de um esquema dualista à narrativa. Além disso, tais contrastes não eliminam a referencialidade histórica da apocalíptica: como enfatiza Vetne (2003, p. 1-2, 8), a profecia apocalíptica relaciona a soberania divina a acontecimentos inseridos no desenvolvimento concreto da história, sem reduzir seus conflitos a representações abstratas e atemporais do bem e do mal.¹⁰

¹⁰ A distinção é também relevante no plano hermenêutico. Ao discutir o historicismo como tradição interpretativa, Vetne (2003, p. 2, 4-6) observa que sua transformação em identidade hermenêutica exclusiva pode produzir uma lógica binária de pertencimento, de “nós” e “eles”, que ultrapassa a função propriamente exegética do método e

Em Daniel, as seções visionárias apresentam contrastes progressivamente desenvolvidos entre poderes humanos e governo divino, domínio transitório dos reinos e estabelecimento do reino de Deus, presente histórico e consumação escatológica. Tais relações, entretanto, não devem ser convertidas em um dualismo ontológico entre poderes equivalentes e independentes. O próprio desenvolvimento de Daniel subordina os poderes humanos à soberania divina. A dualidade literária deve, portanto, ser distinguida tanto de um dualismo metafísico quanto de uma leitura que dissolva a especificidade histórica dos referentes proféticos. O prólogo não apresenta um sistema dual formalmente elaborado, mas contém relações textualmente verificáveis que podem ser descritas em termos de contraste. Jerusalém e Sinar constituem polos espaciais distintos; Nabucodonosor age contra Jerusalém, enquanto o v. 2 atribui ao Senhor a entrega de Jeoaquim; os utensílios da casa de Deus são deslocados para a casa do deus babilônico. A identificação dessas relações deriva primeiramente dos dados lexicais, sintáticos, espaciais e referenciais da própria perícopa. A categoria “dualidade” descreve essas relações; não as produz.¹¹

Outras dualidades propostas neste estudo possuem estatuto analítico diferente. Relações como fidelidade/assimilação e derrota presente/expectativa futura não estão plenamente formuladas em Daniel 1:1-2, mas tornam-se perceptíveis quando elementos introduzidos no prólogo são retomados no desenvolvimento subsequente do livro. Nesse sentido, a relação entre o prólogo e as seções apocalípticas de Daniel deve ser compreendida em termos de desenvolvimento literário, teológico e histórico. Contrastes inicialmente apresentados em forma narrativa podem ser retomados, ampliados e, em alguns casos, adquirir expressão nas visões posteriores. A análise das dualidades, portanto, não pressupõe que Daniel 1:1-2 possua gênero apocalíptico nem que sua linguagem seja simbólica no mesmo sentido das visões. O argumento é que determinados contrastes introduzidos narrativamente no prólogo participam de padrões que recebem desenvolvimento posterior no horizonte apocalíptico do livro, sem perder sua ancoragem na realidade histórica apresentada pelo texto.

5. O Prólogo de Daniel e suas Dualidades

Daniel é frequentemente classificado como um livro híbrido, combinando elementos narrativos e visionários. Collins (1993, p. 28) observa que, embora a primeira parte do livro (caps. 1-6) apresente forma narrativa, ela já incorpora elementos característicos da apocalíptica, como a tematização da soberania divina, o julgamento dos reinos humanos e a expectativa escatológica. Newsom (2014, p. 38) destaca que o prólogo desempenha função programática, servindo como elemento orientador para a leitura do livro como um todo. A configuração narrativa do prólogo apresenta eixos que organizam o desenvolvimento do texto,

difículta o diálogo com outras abordagens. Por essa razão, propõe que sua validade seja examinada em relação às características específicas dos textos proféticos, em vez de o historicismo funcionar como um rótulo totalizante imposto previamente ao intérprete (Vetne, 2003, p. 4, 14). Essa crítica não deve ser confundida com a presença de contrastes literários no próprio texto apocalíptico: uma coisa é a estrutura dual identificável textualmente; outra, a adoção de uma epistemologia binária pelo intérprete. Ao mesmo tempo, Vetne (2003, p. 2, 8) preserva como contribuição fundamental do historicismo a referencialidade histórica da profecia, contrapondo-se à redução idealista da apocalíptica a um conflito atemporal e abstrato entre bem e mal.

¹¹ A progressão de Daniel 1:1-2 organiza-se por meio de uma sequência de contrastes apresentada em ordem crescente: dois reis (Joaquim e Nabucodonosor), dois reinos (Judá e Babilônia), duas cidades (Jerusalém e Babilônia/Sinar), dois deuses (YHWH e o deus da Babilônia) e dois templos (a casa de YHWH e a casa do deus babilônico). Longe de constituírem simples informações históricas, esses elementos introduzem os polos fundamentais da narrativa, a partir dos quais o livro desenvolve progressivamente seus principais temas teológicos.

entre os quais se destacam o contraste espacial (Jerusalém-Babilônia) e o contraste teológico (Yahweh-Marduk).¹² Em ambos os casos, o narrador constrói uma perspectiva na qual a ação humana é situada à luz da agência divina. Como observa De Bruyn (2014, p. 5-6), o texto opera uma “inversão teológica” do discurso imperial ao apresentar a vitória babilônica não como resultado da superioridade de Marduk, mas como evento registrado a partir da ação de Yahweh. Esses eixos narrativos antecipam as ideias de oposição que serão desenvolvidas ao longo do livro, constituindo a base para a organização das dualidades analisadas nas seções seguintes. A análise a seguir parte de contrastes verificáveis em Daniel 1:1-2 e examina sua organização em dualidades de natureza espacial, teológica, política, cultural e temporal. Essas categorias não possuem o mesmo grau de explicitude na perícope: algumas correspondem a relações diretamente expressas pelo texto, enquanto outras se tornam plenamente reconhecíveis mediante sua retomada e seu desenvolvimento no restante de Daniel.

A partir dos critérios delineados, esta seção examina os contrastes identificáveis em Daniel 1:1-2 e aqueles que, embora apenas introduzidos pelo prólogo, recebem desenvolvimento explícito no contexto subsequente do livro. A análise distingue, portanto, diferentes níveis de evidência: (1) relações diretamente expressas por elementos lexicais, sintáticos ou espaciais da perícope; e (2) relações cuja caracterização como dualidade depende de sua recorrência ou desenvolvimento posterior. Essa distinção procura evitar que categorias teológicas ou literárias posteriores sejam retroativamente impostas ao prólogo, ao mesmo tempo que preserva sua função programática dentro da forma final de Daniel.

5.1. Dualidade Espacial e Geográfica: Jerusalém versus Babilônia/Sinar¹³

A dualidade entre Jerusalém e Babilônia constitui o principal contraste espacial do prólogo e pode ser identificada a partir das referências geográficas explícitas em Daniel 1:1-2. Jerusalém aparece como o lugar de origem de Jeoaquim e dos utensílios do templo, enquanto Sinar é apresentado como o destino para o qual parte desses utensílios é levada. O contraste, portanto, possui inicialmente fundamento geográfico e textual. Doukhan (2018, p. 12) amplia essa oposição ao observar o valor teológico associado aos dois espaços: Jerusalém está vinculada ao templo de YHWH, enquanto Babilônia/Sinar adquire, no horizonte bíblico mais amplo, associações com rebelião e pretensão humana. A menção à “terra de Sinar” (Dn 1:2) fornece um indicador textual importante para essa ampliação. Báez (2013, p. 36) chama a

¹² A identificação específica dessa divindade com Marduk pertence ao horizonte histórico-religioso da Babilônia e será considerada adiante como elemento contextual, distinguindo-se da formulação lexical de Daniel 1:2, que emprega apenas “seu deus”.

¹³ Para um tratamento mais amplo da dimensão geográfica e teológica da oposição Jerusalém-Babilônia/Sinar, ver Báez (2013), especialmente sua análise das alusões de Gênesis 11:1-9 em Daniel 1. Báez chama a atenção para a combinação de “Babilônia” e “terra de Sinar” em Daniel 1:1-2 e argumenta que a ocorrência de אֶרֶץ-שִׁנְאָר (*‘eres šin ‘ār*) remete o leitor ao cenário de Gênesis 10:10; 11:2, 9, estabelecendo uma relação literária e teológica entre Babel e a Babilônia de Daniel. Desse modo, Jerusalém e Babilônia não funcionam apenas como referências geográficas, mas assumem valor simbólico como realidades religiosas contrapostas: Jerusalém representa o espaço associado a YHWH e ao Seu templo, enquanto Sinar/Babilônia remete ao espaço de Babel, à pretensão humana e ao culto rival. A transferência dos utensílios do templo de Jerusalém para a “terra de Sinar” (Dn 1:2) intensifica essa oposição, configurando o deslocamento não apenas como movimento espacial, mas como expressão narrativa do conflito entre dois centros de culto e duas pretensões de soberania. Báez desenvolve essa relação ao longo de sua análise intertextual e conclui que, na estrutura de Daniel 1:1-2, encontra-se um conflito de dimensão religiosa e cósmica entre YHWH/Jerusalém e Marduk/Babilônia.

atenção para a combinação de Babilônia e Sinar em Daniel 1 e propõe uma relação intertextual com Gênesis 10:10 e 11:2, 9.

Do ponto de vista lexical, a menção a “Jerusalém” e “Sinar” (Dn 1:1-2) não opera apenas como indicação geográfica, mas ativa campos semânticos distintos. Conforme observa Nel (2014, p. 6), o uso de “Sinar” remete à referência de Gênesis 11, associando Babilônia à memória da Torre de Babel e à pretensão humana de autossuficiência. Nesse sentido, o contraste ultrapassa a dimensão espacial, assumindo também caráter simbólico ao opor o espaço da aliança ao da pretensão imperial. Essa oposição constitui um eixo importante da organização temática do livro (Stefanovic, 2007, p. 76) e reaparece nas narrativas subsequentes da primeira parte de Daniel. A tensão se torna concreta no movimento dos cativos e dos utensílios do templo, transferidos de Jerusalém para Babilônia (Nel, 2017, p. 345). Com isso, o prólogo marca a passagem do espaço associado ao culto de Yahweh para o ambiente do domínio babilônico, estabelecendo um contraste que será desenvolvido ao longo da obra. Nesse quadro, a leitura de Pfandl (2004, p. 12), que identifica um antagonismo entre o domínio da retidão e o reino da iniquidade, reforça a compreensão de que essa polaridade não se limita ao plano geográfico, mas possui alcance teológico.

As referências espaciais também possuem associações históricas e culturais pertinentes para a interpretação da passagem. Jerusalém evoca a pátria, a cidade amada e o lugar do templo de Deus (Stefanovic, 2007, p. 77), ao passo que Babilônia se vincula ao conquistador, à opressão e ao culto idolátrico (Nel, 2017, p. 346). De Bruyn (2014, p. 4-5) explica essa oposição à luz do conceito de *god-space*,¹⁴ segundo o qual cada divindade é associada a um domínio territorial “simbólico”. Na lógica do Antigo Oriente Próximo, a transferência dos utensílios do templo de Jerusalém para o templo de Marduk poderia sugerir a derrota de Yahweh. Nesse sentido, a análise de Venter (2006, p. 994) permite considerar o exílio como espaço em que a relação entre Deus e Seu povo continua sendo teologicamente desenvolvida para além dos limites geográficos de Jerusalém.

¹⁴ A discussão teológica do conceito de “*God-space*” (espaço de Deus), desenvolvida com base em autores que tratam da relação entre Deus, espaço e presença, pode ser organizada em quatro partes: fundamentação bíblico-teológica, desenvolvimento histórico, implicações sistemáticas e síntese contemporânea. Em Gênesis 1-2, o cosmos é apresentado como um templo cósmico, e o Éden, como o primeiro “espaço de Deus”, lugar onde o Criador habita com o ser humano. Cf. Walton (2009): “a criação é o estabelecimento do espaço funcional de Deus”. Em Êxodo, o tabernáculo e depois o Templo de Jerusalém são espacializações da aliança, “Deus habitando no meio de Seu povo” (Êx 25:8). *God-space* é empregado aqui em sentido contextual e descritivo para indicar a associação, recorrente no mundo religioso do Antigo Oriente Próximo, entre divindade, presença cultural e determinados espaços. De Bruyn (2014, p. 4-5), ao analisar os marcadores espaciais de Daniel 1, especialmente Jerusalém, Babilônia e os templos, argumenta que a configuração espacial da narrativa participa da representação do confronto entre YHWH e as divindades babilônicas. Nesse quadro, Jerusalém e o templo constituem espaços diretamente associados ao culto de YHWH, enquanto o deslocamento dos utensílios para Sinar e para a “casa de seu deus” (Dn 1:2) introduz um espaço cultural estrangeiro. A categoria não pressupõe que a presença ou a soberania de YHWH esteja territorialmente limitada; ao contrário, o desenvolvimento de Daniel 1 desfaz precisamente essa possível leitura, pois a afirmação de que “o SENHOR entregou” Jeoaquim (1:2) apresenta a agência divina como operante mesmo no contexto da dominação babilônica. Em perspectiva bíblico-teológica mais ampla, a associação entre espaço e presença divina encontra antecedentes no tabernáculo e no templo, onde a habitação de Deus no meio de Israel recebe expressão espacial (Êx 25:8). A relação entre cosmos e templo discutida por Walton pode oferecer um paralelo conceitual mais amplo para a importância do espaço sagrado na cosmovisão do Antigo Oriente Próximo, embora sua proposta sobre Gênesis 1 não seja tomada aqui como fundamento direto para a interpretação de Daniel 1 (Walton, 2009). Assim, *god-space* funciona nesta análise apenas como categoria auxiliar para descrever o significado cultural dos espaços mencionados em Daniel 1:1-2, permanecendo subordinada aos indicadores textuais da própria perícope.

5.2. Dualidade Teológica: Yahweh versus deus da Babilônia

A dimensão teológica do contraste apresentado em Daniel 1:2 emerge da relação entre o Deus de Israel, explicitamente identificado como agente da “entrega” de Jeoaquim, e a divindade associada ao espaço cultural babilônico, designada no texto apenas como “seu deus”. No horizonte cultural do Antigo Oriente Próximo, a vitória militar era comumente entendida como triunfo da divindade patronal (Hill, 2012, p. 84). Nesse contexto, a conquista de Jerusalém por Nabucodonosor e a transferência dos utensílios do templo poderiam ser interpretadas, segundo as convenções religiosas daquele ambiente, como evidência da superioridade da divindade do conquistador sobre o Deus do povo vencido. A transferência dos utensílios para a “casa de seu deus” (Dn 1:2) constitui o elemento cultural que tornaria historicamente plausível essa interpretação no horizonte religioso babilônico, uma vez que a apropriação de objetos sagrados dos povos conquistados possuía caráter religioso e propagandístico no mundo antigo (Longman III, 2021, p. 68). Como observa Goldingay (1989, p. 108), tal gesto podia representar simbolicamente a derrota da divindade do povo conquistado. Assim, sob a ótica imperial, a cena poderia ser vista como o triunfo de Marduk e a deslegitimação do Deus de Israel.

No entanto, o texto contrapõe essa leitura ao introduzir o verbo נָתַן (“entregar/dar”), que coloca Yahweh como sujeito agente do acontecimento: “O SENHOR entregou Jeoaquim [...] nas mãos de Nabucodonosor” (Dn 1:2). Do ponto de vista lexical e sintático, o uso dessa forma verbal (*wayyiqtol*) insere a ação divina na sequência causal do enredo, deslocando a explicação do êxito babilônico do plano militar para o teológico. Báez (2013, p. 42) argumenta que o uso desta forma verbal, precedida por um *waw* consecutivo, funciona como um *waw* consequential, inserindo a ação divina na sequência causal direta do enredo. Nesse sentido, o sucesso de Nabucodonosor não é apresentado como resultado da força de Marduk, mas como expressão da ação soberana de Yahweh. Esse deslocamento expande a dualidade teológica proposta no prólogo. Em vez de um confronto entre divindades em condição de igualdade, o texto estabelece uma relação assimétrica, na qual o poder imperial aparece subordinado à vontade divina. Como observa Kirkpatrick (2005, p. 47), não há indicação de impotência divina na queda de Jerusalém; ao contrário, o evento é compreendido como resultado da ação deliberada de Deus. A escolha do título *’ădōnāy* reforça essa leitura ao enfatizar a autoridade e o controle divinos sobre a situação (Miller, 1994, p. 56).

A recorrência desse padrão ao longo do livro confirma sua função programática. Passagens como Daniel 2:21 e 4:17 reiteram que Deus “muda tempos e épocas” e concede domínio aos reis, consolidando a ideia de que o poder político é derivado e não intrínseco. Como ressalta Newsom (2014, p. 35), a afirmação de que “o SENHOR entregou” introduz uma dimensão irônica no texto, na medida em que desmonta a retórica triunfalista babilônica e reconhece Yahweh como agente último da história. O prólogo, portanto, interpreta a aparente derrota como evidência de soberania, estabelecendo desde o início a lógica teológica que orientará o desenvolvimento do livro.

5.3. Dualidade Política e Imperial: Judá versus Império Babilônico

A dualidade política entre Judá e o império babilônico pode ser identificada no prólogo a partir da relação entre a submissão de Judá e o domínio exercido por Nabucodonosor em Daniel 1:1-2. O texto apresenta o rei babilônico como agente da conquista, enquanto Judá aparece em posição de subjugação, evidenciada pelo cerco a Jerusalém, pela entrega de

Jeoquim e pela transferência dos utensílios do templo. Essa assimetria, contudo, é imediatamente submetida a uma afirmação teológica: Daniel 1:2 atribui ao Senhor a entrega de Jeoquim nas mãos de Nabucodonosor. Desse modo, embora Nabucodonosor seja apresentado como agente histórico do cerco, seu êxito não recebe no texto uma explicação autônoma, mas é apresentado como dependente da ação divina. Nesse sentido, a autoridade imperial não é negada, mas relativizada. Essa relativização é ainda mais acentuada pela alusão intertextual à “terra de Sinar” (Dn 1:2), termo que evoca o cenário da Torre de Babel em Gênesis 11 (Báez, 2013, p. 32). Ao situar o Império Neobabilônico nesse espaço geográfico-simbólico, o autor de Daniel caracteriza a Babilônia como a reencarnação do sistema de rebeldia e orgulho humano contra o Criador, sugerindo que, apesar de sua força temporal, o império permanece sob o escrutínio e o julgamento do Deus de Israel (Báez, 2013, p. 66). Se reconhecida essa relação, a escolha do topônimo insere o poder babilônico em um horizonte canônico no qual Sinar já se encontra associado à concentração do poder humano e à pretensão de construir uma grandeza independente da ordem estabelecida por Deus.

Essa leitura encontra respaldo na tradição exegética do livro, que enfatiza a autoridade divina sobre os reinos humanos (Stefanovic, 2007, p. 122; Nel, 2017, p. 251). A figura de Nabucodonosor, frequentemente descrita como detentora de grande poder, é apresentada como instrumento inserido em uma ordem mais ampla (Willis, 2010, p. 55-57; Porteus, 1965, p. 45). Assim, o contraste político entre Judá e Babilônia não se limita à oposição entre um povo dominado e um império dominante, mas expressa uma estrutura teológica maior, na qual o poder humano é apresentado como não necessário nem absoluto, mas dependente e condicionado.

Tendo isso em vista, passagens como Daniel 2 e Daniel 7 desenvolvem a ideia de sucessão de impérios sob controle divino, enquanto textos como Daniel 4:17 afirmam explicitamente que o domínio sobre os reinos humanos é concedido por Deus. Embora parta de outra perspectiva, Collins (2004, p. 53) também observa que a história é apresentada como espaço de ação divina, no qual os poderes políticos são subordinados a um plano teológico de maior alcance. Essas passagens mostram que a relação inicialmente estabelecida no prólogo é retomada e desenvolvida no restante do livro. Dessa forma, a dualidade política no prólogo não apenas descreve uma relação de dominação histórica, mas revela dois níveis que o próprio texto mantém conjuntamente: a realidade histórica da dominação imperial e a afirmação teológica de que essa autoridade permanece limitada e subordinada à soberania divina.

5.4. Dualidade Cultural e Identitária: Resistência versus Assimilação

Embora não seja explicitamente desenvolvida em Daniel 1:1-2, a dualidade cultural e identitária pode ser relacionada às condições de deslocamento e dominação introduzidas pelo prólogo e é explicitada no desenvolvimento subsequente de Daniel 1. A partir de Daniel 1:3, a seleção de jovens judeus para o serviço da corte, seu aprendizado da língua e da literatura dos caldeus (1:4), a provisão da alimentação real (1:5) e a atribuição de novos nomes (1:7) introduzem elementos concretos de inserção na cultura cortesã babilônica. Em contraste, a decisão de Daniel de não se contaminar com a porção das iguarias do rei (1:8) estabelece textualmente um limite para essa inserção.

Smith-Christopher (1996, p. 31), a partir de uma leitura sociocultural da passagem, interpreta esse conjunto de medidas como processo de condicionamento voltado à incorporação dos jovens à estrutura imperial. Essa caracterização é empregada aqui como

descrição contextual possível das práticas relatadas, não como categoria determinante de seu significado. A mudança dos nomes, particularmente, recebe atenção particular de Báez (2013, p. 76), que observa a substituição dos nomes hebraicos por nomes associados ao ambiente religioso babilônico e a interpreta como tentativa de interferência na herança e na identidade religiosa dos jovens. Independentemente da extensão que se atribua à intenção dessas medidas, o texto estabelece um contraste verificável entre a inserção dos jovens na corte e a existência de limites à sua participação, explicitados pela decisão relatada em Daniel 1:8. A recusa da alimentação real tem sido interpretada para além de sua dimensão estritamente dietética. Kirkpatrick (2005, p. 46) e Goldingay (1989, p. 24) relacionam a decisão a implicações sociais mais amplas, enquanto Nel (2017, p. 251) chama a atenção para a função da comensalidade nos processos de integração e lealdade cortesã. Essas propostas contribuem para contextualizar a decisão de Daniel, mas a base imediata da análise permanece a afirmação textual de que ele “resolveu não se contaminar” (Dn 1:8), que estabelece um limite explícito à sua integração no ambiente da corte.

Redding (2019, p. 10-15) propõe interpretar essa relação por meio da categoria sociopolítica dos *hidden transcripts*,¹⁵ desenvolvida por James C. Scott, segundo a qual grupos submetidos a estruturas de dominação podem combinar conformidade pública com formas menos explícitas de resistência. Aplicada a Daniel 1, essa categoria procura descrever a coexistência entre participação na estrutura cortesã e preservação de convicções religiosas. No presente estudo, no entanto, essa proposta é considerada apenas um modelo comparativo auxiliar: a caracterização da conduta dos personagens deve derivar prioritariamente das ações e decisões explicitamente apresentadas pelo texto. Venter (2006) descreve a conduta dos personagens em termos de uma “ética de sobrevivência”, enquanto Longman III (1999, p. 47, 62) chama a atenção para a preservação da identidade dentro das limitações impostas pelo contexto imperial. Nel (2017, p. 341, 343) e Stefanovic (2007, p. 61), por sua vez, observam as implicações identitárias da mudança de nomes e do treinamento cortesão. Essas diferentes formulações convergem na percepção de uma tensão entre integração e preservação, mas devem ser mantidas em seu estatuto interpretativo: o dado textual consiste na participação dos jovens em determinados aspectos da formação cortesã e na recusa explícita de Daniel quando essa participação alcança, em Daniel 1:8, um limite por ele associado à contaminação.

O desenvolvimento de Daniel 1 permite, portanto, reconhecer uma tensão entre integração no ambiente imperial e preservação da fidelidade religiosa. Sua relação com Daniel 1:1-2 é programática em sentido limitado: o prólogo estabelece a situação de dominação e deslocamento na qual essa tensão será posteriormente desenvolvida, mas não a formula explicitamente. Collins (1993, p. 45, 437) interpreta a narrativa como modelo de vida para comunidades em diáspora, no qual a inserção em contexto estrangeiro não exige dissolução identitária. Sem reduzir o texto à função sociológica que possa desempenhar para determinada

¹⁵ A categoria dos *hidden transcripts* foi desenvolvida por James C. Scott para descrever formas de resistência praticadas por grupos submetidos a relações assimétricas de poder, especialmente quando a oposição aberta não é possível ou vantajosa. Cf. Scott (1985; 1990). Redding (2019, p. 10-15) aplica essa categoria a Daniel 1 para descrever a coexistência entre a participação dos jovens judeus na estrutura cortesã babilônica e a preservação de convicções religiosas que impõem limites a essa integração. No contexto do presente estudo, a categoria é utilizada apenas como recurso comparativo e descritivo para iluminar a tensão entre acomodação e fidelidade observável no desenvolvimento de Daniel 1; ela não funciona como chave hermenêutica determinante nem substitui os indicadores textuais da narrativa. A base textual da análise permanece nas ações explicitamente relatadas: os jovens recebem formação cortesã e novos nomes (Dn 1:3-7), enquanto Daniel estabelece em 1:8 um limite claro à sua participação ao decidir não se contaminar. Assim, a noção de *hidden transcripts* pode auxiliar na descrição sociopolítica dessa tensão, mas a caracterização teológica da conduta dos personagens deriva prioritariamente do próprio texto.

comunidade, essa observação ajuda a perceber uma implicação teológica efetivamente desenvolvida na narrativa: a soberania de Deus permanece operante no exílio e a participação dos personagens na sociedade babilônica não elimina os limites estabelecidos por sua fidelidade ao Deus de Israel.

5.5. Dualidade Temporal: Derrota Presente versus Esperança Escatológica

No campo da literatura apocalíptica, essa tensão entre presente e futuro constitui elemento recorrente. Como observa Collins (1993, p. 193), a experiência histórica de crise é frequentemente interpretada à luz da expectativa de uma futura intervenção divina. De modo semelhante, Porteous (1965, p. 153) destaca que o juízo presente é desenvolvido em relação à esperança de restauração. Em Daniel 1:1-2, o dado textualmente verificável é a inserção da queda de Jerusalém sob a agência soberana de Deus. É precisamente nesse ponto que Báez (2013, p. 63) identifica a transição teológica fundamental do prólogo: a participação de Deus no “fim da velha história”, representado pela derrota de Jerusalém, garante Sua atuação na nova história que o livro passará a narrar, conferindo à abertura um horizonte de esperança desde o primeiro momento. Essa expectativa, inicialmente apenas implícita na afirmação da soberania divina, torna-se mais perceptível no encerramento do próprio capítulo. Shea (2005, p. 44) observa que a referência ao primeiro ano de Ciro não constitui mera informação cronológica, mas uma observação editorial retrospectiva inserida para orientar a leitura do livro: “É evidente que essa menção a Ciro provém de um tempo cerca de 70 anos posterior [...] e foi colocada editorialmente aqui, no capítulo 1, para antecipar o que se seguirá no livro.”¹⁶ Nessa mesma direção, Newsom (2014, p. 38) demonstra que Daniel 1:1 e 1:21 formam uma moldura cronológica que delimita a narrativa introdutória. Em conjunto, esses versículos funcionam como um recurso literário de *inclusio* que, em conjunto com Daniel 1:1, delimita o período do exílio babilônico e a trajetória inicial do profeta. Por sua vez, Collins (1984, p. 32) ressalta que essa moldura evidencia a permanência de Daniel durante todo o período do domínio babilônico. DiTommaso (2005, p. 57, 76) acrescenta que a nota final integra os episódios subsequentes em um único horizonte narrativo, interpretação reforçada por Scheetz (2011, p. 82), para quem a referência a Ciro contribui para a unidade literária da composição. A partir desse conjunto de observações, Doukhan (1987, p. 5-6) conclui que Daniel 1:21 não encerra apenas a introdução do livro, mas estabelece uma moldura programática que conduz o leitor da queda de Jerusalém ao primeiro indício histórico de sua restauração.

¹⁶ É digno de nota que a esperança introduzida em Daniel 1:21 encontra paralelos significativos na organização canônica das Escrituras. Crônicas e Gênesis funcionam como “livros-fins” para as Escrituras, pois Crônicas retorna o leitor ao primeiro livro do cânon ao começar com Adão e fornecer um resumo lacônico da história israelita desde a criação até o decreto de Ciro (Dempster, 1997, p. 48). Esse decreto abre a possibilidade de uma nova criação pela palavra divina, já que Ciro simplesmente cumpre a palavra profética proferida por Jeremias (Dempster, 1997, p. 48). Contudo, enquanto 2 Crônicas encerra com a promessa de retorno sob Ciro, o livro de Daniel amplia essa esperança para dimensões escatológicas muito mais abrangentes. Daniel demonstra com poder incomparável que o reino vindouro de Deus destruirá todos os competidores, que se desintegrarão em pó levado pelo vento, e que os reinos da Terra serão dados ao Filho do Homem, talvez identificado com o Ungido que retornará ao Monte Santo de Yahweh (Dempster, 1997, p. 49). Além das narrativas de Daniel 1-6, em Daniel 2 vemos uma reivindicação explícita de que a soberania divina se estende além dos eventos imediatos da história para abranger o curso da história em si, com um horizonte escatológico que vislumbra um fim à longa sucessão de impérios gentios (Newsom; Breed, 2014, p. 41). Assim, Daniel transcende a restauração nacional sob Ciro, apontando para a consumação definitiva do reino de Deus, uma esperança que realiza plenamente as promessas deixadas em aberto pelo encerramento de Crônicas.

Essa moldura literária possui igualmente função teológica. Para Doukhan (1987, p. 6), a menção a Ciro demonstra que a profecia bíblica não constitui mero exercício literário, mas encontra confirmação na história concreta, assegurando que o exílio possui um limite determinado pela providência divina. Doukhan (2018, p. 21) ainda acrescenta que a “ação de Deus não para aí. Além do exílio atual, Deus lhes preparou uma salvação que possui dimensões tanto históricas quanto repercussões cósmicas”. Assim, o capítulo inicia-se com o juízo representado pela conquista de Jerusalém (Dn 1:1-2) e conclui-se apontando para o governante por meio do qual Deus iniciaria o retorno do Seu povo (Dn 1:21; cf. Ed 1:1-4; Is 44:28-45:13). Stefanovic (2007, p. 69-71) interpreta essa permanência de Daniel até o governo persa como símbolo da esperança do remanescente fiel, ressaltando que “um judeu exilado pode ser um vencedor porque o Deus de Israel é o vencedor”. Em perspectiva semelhante, Nel (2017, p. 271) entende que a sobrevivência de Daniel além da queda de Babilônia representa um “sorriso irônico do Céu” sobre o império derrotado, evidenciando a superioridade do governo divino sobre os poderes humanos. A restauração associada a Ciro, contudo, não constitui o término da esperança anunciada pelo prólogo, mas sua primeira realização histórica. Como observa Baldwin (1978, p. 64), a escatologia de Daniel caracteriza-se por um movimento que projeta o olhar para além do retorno do exílio. Desse modo, a restauração histórica introduzida em Daniel 1:21 torna-se paradigma da restauração definitiva apresentada em Daniel 12:1-3, 13, quando a libertação transcende a história nacional de Israel e culmina na derrota final dos poderes opostos, na ressurreição dos mortos e no estabelecimento do reino eterno de Deus.

6. Considerações Finais

A análise dos contrastes relacionados a Daniel 1:1-2 demonstrou que o texto apresenta elevado grau de articulação teológica e coesão literária. As cinco dualidades examinadas – espacial, teológica, política, cultural e temporal – não possuem, contudo, o mesmo grau de explicitude no prólogo. As dimensões espacial e política encontram expressão direta nas relações Jerusalém-Sinar/Babilônia e Judá-poder imperial; a dimensão teológica fundamenta-se explicitamente na agência atribuída ao Senhor em contraste com o espaço cultural da divindade babilônica; já as dimensões cultural e temporal são introduzidas pelas circunstâncias apresentadas em Daniel 1:1-2 e recebem formulação mais clara no desenvolvimento subsequente do livro. Em conjunto, esses contrastes convergem para a afirmação da soberania divina em contexto de crise (Porteous, 1965, p. 171).

O prólogo, portanto, desempenha funções múltiplas no interior da obra: introduz o conflito, apresenta personagens, espaços e relações de poder e estabelece uma orientação teológica que será desenvolvida ao longo do livro (LaCocque, 1979, p. 93). Os contrastes identificados em Daniel 1:1-2 são retomados e ampliados nas seções posteriores, permitindo reconhecer continuidade temática entre as diferentes formas literárias que compõem Daniel sem eliminar suas distinções de gênero. Sem reduzir o prólogo à função de contextualização histórica, este estudo demonstrou sua relevância literária e teológica para a forma final do livro, mostrando que elementos inicialmente apresentados em um contexto histórico concreto recebem desenvolvimento posterior.

Daniel 1:1-2 pode ser compreendido como uma unidade sintética que introduz elementos relevantes para o desenvolvimento narrativo e apocalíptico posterior da obra (Doukhan, 2018, p. 13). A derrota histórica de Jerusalém é explicitamente situada sob a agência divina por meio da afirmação de que “o SENHOR entregou” Jeoaquim nas mãos de Nabucodonosor (Dn 1:2). A partir dessa afirmação, o desenvolvimento posterior do livro amplia a relação entre soberania divina, poderes humanos, fidelidade em contexto de exílio e

esperança futura. Essa continuidade temática não implica atribuir gênero apocalíptico a Daniel 1:1-2. Antes, demonstra que temas introduzidos em forma narrativa e historicamente referencial no prólogo recebem posterior desenvolvimento, inclusive nas seções visionárias e apocalípticas de Daniel.

Ao examinar esses contrastes a partir de indicadores lexicais, sintáticos, espaciais, históricos e intraliterários, este estudo contribui para a compreensão do prólogo de Daniel como unidade literária capaz de combinar dados históricos, forma literária e afirmações teológicas. Dessa forma, propõe-se uma leitura que reconhece no prólogo não apenas um ponto de partida, mas uma unidade programática cuja contribuição para a forma final de Daniel pode ser demonstrada pela retomada e pelo desenvolvimento de seus elementos no restante do livro. Essa leitura procura preservar simultaneamente a referencialidade histórica do texto, suas características literárias e sua afirmação teológica central: mesmo diante da queda de Jerusalém e da ascensão do poder babilônico, a soberania continua a pertencer ao Deus de Israel.

Referências

ANDERSON, R. A. **Daniel: Signs and Wonders**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1984. (International Theological Commentary).

ASSIS, J. F. de. **A linguagem apocalíptica como reconfiguração do mundo por meio do fantástico e da imaginação**. Rio de Janeiro, 2024.

BÁEZ, E. **Allusions to Genesis 11:1-9 in the Book of Daniel**: an exegetical and intertextual study. 2013. Tese (Doutorado em Teologia) – Seventh-day Adventist Theological Seminary, Andrews University, Berrien Springs, 2013.

BALDWIN, J. G. **Daniel: An Introduction and Commentary**. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1978.

BARREDA TOSCANO, J. J.; SANTIAGO F., F. Daniel. In: PADILLA, C. R. et al. (org.). **Comentário Bíblico Latino-Americano**. São Paulo: Mundo Cristão, 2022.

BLACK, D. A.; DOCKERY, D. S. **Interpreting the New Testament**: Essays on Methods and Issues. Nashville, TN: Broadman & Holman Publishers, 2001.

CARVALHO, L. L.; LOGATTI, M. S. M.; SASS, S.; GALLIAN, D. M. C. Como trabalhar com narrativas: uma abordagem metodológica de compreensão interpretativa no campo das Ciências Humanas em Saúde. **Interface** (Botucatu), Botucatu, v. 25, 2021.

COLLINS, J. J. **Daniel: A Commentary on the Book of Daniel**. Mineápolis, MN: Fortress, 1993.

COLLINS, J. J. **Daniel**: With an Introduction to Apocalyptic Literature. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004. (Forms of the Old Testament Literature).

- COOK, S. L. **Daniel**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2026. (Baker Commentary on the Old Testament Prophetic Books).
- DAVIES, P. R. **Daniel**. Sheffield: JSOT Press, 1985. (Old Testament Guides).
- DE BRUYN, J. J. A Clash of Gods: Conceptualizing Space in Daniel 1. **HTS Teologiese Studies**, v. 70, n. 3, p. 1-9, 2014.
- DEMPSTER, S. G. An “Extraordinary Fact”: Torah and Temple and the Contours of the Hebrew Canon: Part 2. **Tyndale Bulletin**, v. 48, p. 41-80, 1997.
- DE VILLIERS, P. G. R. Apocalyptic groups and socially disadvantaged contexts. **Acta Theologica**, Bloemfontein, Supplementum 23, p. 238-262, 2016.
- DITOMMASO, L. **The Book of Daniel and the Apocryphal Daniel Literature**. Leiden: Brill, 2005. (Studia in Veteris Testamenti Pseudepigrapha).
- DOUKHAN, J. B. **Daniel: The Vision of the End**. Ed. rev. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1987.
- DOUKHAN, J. B. **Segredos de Daniel: sabedoria e sonhos de um príncipe no exílio**. Tradução de Matheus Cardoso. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018.
- DUGUID, I. M. Introducing **Daniel**. In: DORIANI, D. M. et al. (org.). **Daniel: Faith Enduring through Adversity, A 13-Lesson Study**. Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 2019.
- FEWELL, D. N. **Circle of Sovereignty: Plotting Politics in the Book of Daniel**. Nashville, TN: Abingdon Press, 1991.
- ENTRY, P. J.; WELLUM, S. J. **Kingdom through Covenant: A Biblical-Theological Understanding of the Covenants**. Wheaton, IL: Crossway, 2018.
- GOLDINGAY, J. **Daniel**. Grand Rapids: Zondervan Academic, 2019.
- GOLDINGAY, J. E. **Daniel**. Dallas, TN: Word, 1989.
- GREIDANUS, Sidney. **Preaching Christ from Daniel: Foundations for Expository Sermons**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2017.
- HILL, A. E. Daniel. In: LONGMAN III, T.; GARLAND, D. E. (org.). **The Expositor's Bible Commentary: Daniel-Malachi**. Ed. rev. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2008.
- HILL, A. E. **Daniel**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2012.

HILL, C. C. **In God's Time: The Bible and the Future**. Grand Rapids, MI; Cambridge: Eerdmans, 2002.

HOUSE, P. R. **Daniel**. Nashville, TN: Broadman & Holman, 2018.

HOUSE, P. R. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Acadêmica, 2009.

KIRKPATRICK, P. The Exile and Divine Sovereignty: Narrative Tension in Daniel 1:1–2. *Biblica*, v. 102, n. 4, p. 517-529, 2021.

KIRKPATRICK, S. **Competing for Honor: A Social-Scientific Reading of Daniel 1–6**. Leiden: Brill, 2005. (Biblical Interpretation Series, v. 74).

LACOCQUE, A. **The Book of Daniel**. Atlanta, GA: John Knox, 1979.

LAMA, A. K. **Reading Psalm 145 with the Sages: A Compositional Analysis**. Carlisle, Cúmbria: Langham Monographs, 2013.

LONGMAN III, T. **Daniel**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1999. (The NIV Application Commentary).

LONGMAN III, T. **How to Read Daniel**. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2021.

LOPES, C. C. O gênero apocalíptico na literatura judaica intertestamentária. **Horizonte**, v. 17, n. 52, p. 196-225, 2019.

McKNIGHT, S.; OSBORNE, G. R. **The face of New Testament Studies: A Survey of Recent Research**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2004.

MILLER, S. R. **Daniel**. Nashville, TN: Broadman & Holman, 1994. (New American Commentary).

MORROW, L. K. **The Politics of Sovereignty in Daniel 1:1–2**. 2022. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Andrews University, Berrien Springs, 2022.

NEL, M. **“He Changes Times and Seasons”**: Narratological-Historical Investigation of Daniel 1 and 2. Zurique: LIT Verlag, 2017.

NEL, M. Function of Space in Daniel 1. **In die Skriflig/In Luce Verbi**, v. 48, n. 2, p. 1-9, 2014.

NEWSOM, C. A.; BREED, B. W. **Daniel: A Commentary**. Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2014.

OSBORNE, G. R. **A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica**. Tradução de Daniel de Oliveira, Robinson N. Malkomes e Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009.

- PFANDL, G. **Daniel: The Seer of Babylon**. Hagerstown, MD: Review and Herald, 2004.
- PORTEOUS, N. W. **Daniel: A Commentary**. Filadélfia, PA: Westminster, 1965.
- REALES, L.; CONFORTIN, R. S. **Introdução aos estudos da narrativa**. Caxias do Sul, RS: Educ, 2011.
- REDDING, J. Resistance or Compliance: Reading Daniel 1 as a Faux-Hidden Transcript. **Scriptura**, v. 118, p. 10-20, 2019.
- RÖMER, T. Exegese. In: MARTINEZ, Juan Carlos (org.). **Enciclopédia do protestantismo**. Tradução de Norma Cristina G. Braga Venâncio. São Paulo: Hagnos, 2016. p. 646.
- RUNGE, S. E. Discourse Analysis. In: BARRY, John D. et al. (org.). **The Lexham Bible Dictionary**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2016.
- SCHEETZ, J. M. **The Concept of Canonical Intertextuality and the Book of Daniel**. Eugene, OR: Pickwick Publications, 2011.
- SCHNITTJER, G. E. **Old Testament Use of Old Testament: A Book-by-Book Guide**. Grand Rapids, MI: Zondervan Academic, 2021.
- SCOTT, J. C. **Domination and the Arts of Resistance: Hidden Transcripts**. New Haven, CT: Yale University Press, 1990.
- SCOTT, J. C. **Weapons of the Weak: Everyday Forms of Peasant Resistance**. New Haven, CT: Yale University Press, 1985.
- SEOW, C. L. **Daniel**. Londres: Westminster John Knox Press, 2003. (Westminster Bible Companion).
- SILVA, W. L. **Estrutura literária do livro de Jó: uma nova abordagem**. Perspectiva Teológica, Belo Horizonte, v. 56, n. 3, p. 701-728, set.-dez. 2024.
- SMITH-CHRISTOPHER, D. L. Prayers and Dreams: Power and Diaspora Identities. In: COLLINS, J. J.; FLINT, P. W. (org.). **The Book of Daniel: Composition and Reception**. Boston: Brill, 2002. v. 1, p. 266-290.
- SMITH-CHRISTOPHER, D. L. Resistance in a "Culture of Permission". In: MACY, H.; ANDERSON, P. (org.). **Truth's Bright Embrace**. Newberg, OR: George Fox University Press, 1996. p. 15-38.
- SOTELO, D. **Apocalíptica do Antigo Testamento**. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.
- STAM, J. Apocalipse. In: PADILLA, C. R. et al. (org.). **Comentário bíblico latino-americano**. São Paulo: Mundo Cristão, 2022.

- STEFANOVIC, Z. **Daniel**: Wisdom to the Wise. Nampa, ID: Pacific Press, 2007.
- STEINMANN, A. E. **Daniel**. Saint Louis, MO: Concordia Publishing House, 2008. (Concordia Commentary).
- TANNER, J. P. **Daniel**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2020. (Evangelical Exegetical Commentary).
- TULLY, E. J. Introduction to the Old Testament. In: **Theology, Church, and Ministry: A Handbook for Theological Education**. Nashville, TN: B&H Academic, 2017.
- TURNER, L. A. **Announcements of Plot in Genesis**. Eugene, OR: Wipf and Stock, 2007.
- VENTER, P. M. A Study of Space in Daniel 1. **Old Testament Essays**, v. 19, n. 3, p. 993-1004, 2006.
- VETNE, R. A Definition and Short History of Historicism as a Method for Interpreting Daniel and Revelation. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 14, n. 2, p. 1-15, 2003.
- DE VILLIERS, P. G. R. Apocalyptic groups and socially disadvantaged contexts. **Acta Theologica**, Bloemfontein, Supplementum 23, p. 238-262, 2016.
- WALTON, J. H. **The Lost World of Genesis One**: Ancient Cosmology and the Origins Debate. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2009.
- WALVOORD, J. F.; DYER, C. H. **Daniel**. Grand Rapids, MI: Kregel, 2011.
- WIDDER, W. **Daniel**: God's Kingdom Will Endure. Grand Rapids, MI: Zondervan Academic, 2023. (Zondervan Exegetical Commentary on the Old Testament).
- WILLIAMSON, P. S. **Revelation**. HEALY, M. (org.). Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2015. (Catholic Commentary on Sacred Scripture).
- WILLIS, A. M. **Dissonance and the Drama of Divine Sovereignty in the Book of Daniel**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2010.
- YEO, J. J. **Plundering the Egyptians**: The Old Testament and Historical Criticism at Westminster Theological Seminary. Lanham, MD: University Press of America, 2009.